



Europa, para onde?

A exposição "Europa Oxalá", na Gulbenkian, reúne 21 artistas ligados a África para mostrar como memórias pós-coloniais podem construir um futuro polifónico. Começou em França, chega a Portugal e acaba na Bélgica

TEXTO CHRISTIANA MARTINS



A primeira obra com que o visitante se depara a entrar a partir de hoje na galeria principal da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, são dois punhos fechados, presos à parede e amarrados por um cinto. Mais adiante, um fundo pintado de azul-europa está rasgado bem no centro — uma fratura que remete, dependendo de quem olha, para a representação de uma enorme vagina ou para o contorno de uma imagem da Virgem Maria — cercada pelas estrelas que simbolizam os Estados-membros da União Europeia. Depois, duas botas são esmagadas pelo peso de uma pedra, numa instalação que fica completa com ou um chicote colocado no chão e, por trás, numa parede, as palavras "ça été" [isso foi].

Num corredor um pouco à frente, grandes retratos em tons de rosa. Um mostra um homem olhando para a própria cabeça que tem entre as mãos. Ao lado, outra imagem mostra uma mulher mestiça, sentada num cadeirão, com uma serpente ao pescoço, vestida como a representante de uma qualquer metrópole colonial novecentista e que, sob a mão, tem uma pistola.

Num outro quadro, uma atleta negra de judo derruba a estátua de D. João I do seu cavalo, levando o visitante a refletir sobre a destruição de símbolos coloniais. E várias obras trabalham o conceito de cartografia, fazendo desaparecer fronteiras. Apenas alguns exemplos das peças que integram a exposição "Europa Oxalá", composta por cerca de 70 obras de pintura, desenho, escultura, filme, fotografia e instalações de 21 artistas afro-europeus, cujos pais e avós nasceram ou viveram em Angola, Congo, Benim, Guiné, Argélia ou Madagáscar. Artistas que, como explica o texto de apresentação, "herdaram memórias indiretas, que lhes chegam de forma difusa no seio da família, de grupos de amigos e da vida pública quotidiana".

Ao visitar a exposição, o que se vê são reflexões ora sobre como o peso do passado colonial ainda paira sobre o continente europeu, espaço muitas vezes inaccessível aos migrantes, opressivo para quem vem de fora e violento para quem já nele nasceu, carregando outras origens. Mas "Europa Oxalá" revela também obras com técnicas inovadoras, que focam as questões que interessam às gerações que não viveram diretamente o conflito colonial, mas cujas identidades são dele consequência. Apresentada num momento em que a própria Europa se vê confrontada com um espírito imperialista, a exposição assume especial relevância e, mesmo não sendo composta por obras concebidas por artistas ucranianos ou do Leste europeu,



"Ngunda", de Aimé Mpane, 2018-2010. A Europa rasgada



ID: 97905259

04-03-2022 | Revista E



permite questionar os conceitos de soberania e multiculturalidade. Antes de chegar a Lisboa, a exposição esteve no Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo — Mucem, em Marselha, e depois de Portugal seguiu para o Museu Real da África Central, em Tervuren, nos arredores de Bruxelas, onde ficará patente entre 6 de outubro e 5 de março de 2023. Cidades escolhidas a dedo pela relação histórica que têm com a colonização. Marselha, uma porta aberta para o Norte de África, Lisboa, símbolo do país que mais escravos traficou e Tervuren, onde se encontra o espaço museológico mais emblemático da relação violenta do rei Leopoldo II com as então colónias belgas.

FUTURO INCONTORNÁVEL

“Constitui [a exposição] um contributo inovador para um debate que, muito mais que na simples reinterpretação do passado, se centra na definição de uma hipótese de futuro”, pode ler-se na apresentação da exposição, onde se afirma ainda que o evento “é já um momento de celebração da Europa que vem — ‘Europa Oxalá’”. Título que segundo refere o comissário português, António Pinto Ribeiro, também visa o amanhã: “Em português, a palavra oxalá resulta de séculos de integração, traduz uma ideia de futuro, de algo que vai acontecer, uma ideia de futuro em construção.” Explica-se ainda no texto de apresentação que o trabalho que deu origem à exposição vem de trás, resultando do projeto “Memoirs — Filhos de Império e pós-Memórias Europeias”, financiado pelo Conselho Europeu de Investigação e que se dedica a estudar como as segundas e terceiras gerações de afrodescendentes se apropriaram das experiências traumáticas das gerações anteriores, que viveram o processo de descolonização, em particular em Portugal, França e Bélgica, e tenta perceber o que foi feito com base nestas experiências. Assina-o António Sousa Ribeiro, diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), e Margarida Calafate Ribeiro, investigadora principal do projeto “Memoirs”. Estabelecido o *corpus* teórico que fundamentou o projeto, Pinto Ribeiro, que além de comissário desta exposição é programador cultural e investigador do CES, explica ao Expresso numa visita ainda durante a montagem do evento, que o início de tudo remonta a 2018, quando em

“Se em alguns artistas se nota um apaziguamento, noutros a ferida ainda está aberta”

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO
COMISSÁRIO DA EXPOSIÇÃO

Paris recebeu da Fundação Gulbenkian um convite para fazer uma exposição de arte contemporânea portuguesa, mas a que respondeu com uma ideia diferente, que permitisse abordar o pós-colonialismo. Aceite a proposta, o passo seguinte foi contactar os museus em Tervuren e em Marselha, que concordaram em se juntar à Gulbenkian para receber os trabalhos dos artistas afrodescendentes. António Pinto Ribeiro convidou mais dois comissários, ambos artistas com peças na exposição: Aimé Mpane, pela Bélgica, e Katia Kameli, pela França. Em conjunto os três determinaram então os dois grandes eixos que funcionariam como critérios de seleção dos artistas. Por um lado, aqueles que tendo nascido na Europa fossem afrodescendentes de ex-colónias ou que, tendo nascido em África, tivessem feito a sua formação na Europa. O segundo grande eixo era formado pelos artistas que, não tendo relação pessoal com o continente africano, tivessem dedicado o seu trabalho ao pós-colonialismo. “África é um continente incontornável, em 2050 terá a maior taxa mundial de crescimento demográfico”, sublinha o comissário português ao Expresso. Certeza em que é acompanhado por Margarida Calafate Ribeiro, também presente à montagem da exposição. “O grande salto dado pelas segundas e terceiras gerações de afrodescendentes prova que querem produzir futuro a partir das suas múltiplas heranças. Esta exposição aborda as questões associadas ao imperialismo ultramarino, mas sublinha que o futuro europeu passa pelo diálogo norte-sul, numa perspetiva horizontal e não vertical, o que é muito relevante neste momento em que na Europa se vive uma ofensiva imperialista.” E, numa altura em que os países disputam o espaço mediático, a investigadora chama a atenção para o impacto que os trabalhos podem gerar: “A exposição mostra a luta dos sujeitos pelo poder de contar a história,

de construir uma narrativa e o futuro da Europa vai passar pela sua capacidade de construir múltiplas narrativas.”

PARA TODOS VEREM

Depois de vários meses de debate entre os três comissários, o primeiro universo de 50 artistas acabou reduzido para os 21 que integram agora “Europa Oxalá”. “Apenas por uma questão do espaço expositivo disponível, que em Marselha era mais reduzido”, explica António Pinto Ribeiro. A maior área de exposição é mesmo a ocupada na Fundação Gulbenkian, onde poderão ser vistas obras que não estiveram expostas em França. Como, por exemplo, a recriação da última ceia, da autoria de Aimé Mpane. Ou as 44 ogivas de artilharia que servem de vasos a plantas tropicais, do artista Sammy Balohl. Carlos Bunga, Délio Jasse, Francisco Vidal, Márcio Carvalho, Mónica de Miranda, Nui Barreto, Pauliana Valente Pimentel, Pedro A. H. Paixão são os artistas do universo lusófono que participam na exposição. E, embora em Marselha, muitos dos visitantes tenham sido famílias de origem argelina, António Pinto Ribeiro sublinha que esta é “uma exposição para ser vista por todos”. Não se destina especialmente ao público afrodescendente, até porque, diz, “um dos objetivos de ‘Europa Oxalá’ é dar visibilidade a estes artistas, mostrando que existem e produzem obras determinantes para a arte europeia”. Para fundamentar esta posição explica que muitos dos artistas trabalham sobre a atualidade, recorrendo a técnicas complexas e criativas: “Não é uma visão da África artesanal que está presente.” Pinto Ribeiro sublinha ainda a inovação revelada pela mostra, que, segundo defende, “traz uma abordagem desconhecida do público português”. “São abordagens críticas. Uma das riquezas desta exposição é que levanta uma grande quantidade de questões que são muito importantes para o debate público e político, e não só artístico, da atualidade europeia e, se em alguns artistas nota-se um apaziguamento, em outros, a ferida ainda está aberta”, completa o comissário. ●

camartins@expresso.impreso.pt

EUROPA OXALÁ

Gulbenkian, Lisboa, até 22 de agosto